

Richa descarta seu nome na chapa do PSDB

O senador José Richa (PR) afirmou ontem a seus companheiros do conselho político do PSDB (entre outros o ex-governador Franco Montoro, o prefeito de Belo Horizonte, Pimenta da Veiga, e o senador Fernando Henrique Cardoso) reunidos em Brasília, que não quer, definitivamente, concorrer à vice-presidência da República na chapa de Mário Covas. No fim da tarde, o comando tucano reconhecia no ex-presidente do Banco do Brasil, Camilo Calazans, o mais provável companheiro de chapa de Covas, a partir das resistências de Richa e da recusa do ex-governador pernambucano Roberto Magalhães, por pressão familiar. No Rio, Covas comentou que "Richa só não é unanimidade porque não quer ser candidato", descartando a hipótese de disputa na convenção nacional de sábado, em Belo Horizonte.

O candidato tucano dissera por várias vezes que preferia ter um vice do Nordeste ou de

Minas Gerais — pelo peso eleitoral dessas regiões. Mas ontem, pela primeira vez, Covas admitiu que este é um critério teórico, nem sempre possível de ser alcançado. Por outro lado, reiterou que o cargo tem de ser ocupado por um político afinado com o candidato. "Todos sabem que Richa tem identidade comigo. É meu amigo há anos", lembrou Covas. Aliás, desde que assumiram cadeiras no Senado, em 1987, os dois formam uma dobradinha indiscutível. Até seus gabinetes são interligados e, não raro, utilizam a mesma sala para despachos.

Sem Concessões

Covas diz que "se existe uma solução consensual, é desnecessário criar arestas dentro do partido" e citou o caso da deputada Cristina Tavares (PSDB-PE), "uma companheira de primeira hora, que fundou o partido", que anunciou a intenção de deixar o PSDB caso o

ex-governador Roberto Magalhães fosse confirmado como vice. O candidato tem declarado que não está disposto a fazer concessões de natureza eleitoral. A afirmativa vale também para a escolha do vice, o que, se não inviabiliza de todo, reduz as chances de Roberto Magalhães, ex-PDS, ex-PFL, atualmente no PTB e que nunca teve ligações com Covas.

Por sua vez, Camilo Calazans já anunciou que só entra no páreo se for indicado, abrindo mão para qualquer outro pretendente. Mas continua em campanha. Dezenas de telegramas, vindos de todos os cantos do País, e rubricados por associações de funcionários do Banco do Brasil são descarregados diariamente no escritório de Covas, em São Paulo e Brasília, clamando por seu nome. O senador Teotônio Vilela Filho (AL), que corre por fora na escolha do vice, deu o seu apoio a Calazans.